

TRIBUNA LIVRE

NILO MARTINS DE CUNHA FILHO



Portos capixabas, nossa maior riqueza

Em todo o mundo os portos são áreas estratégicas, portas de entradas para o comércio internacional e promotores de desenvolvimento socioeconômico. Por conta disso, são merecedores de constante atenção, com políticas específicas, planejamentos de curto, médio e longo prazos, manutenção e expansão da infraestrutura e forte ação comercial.

Também são respeitados e reconhecidos como atividade econômica relevante e necessária, eficientes elos com outros mercados e importantes geradores de emprego e renda.

Porém, assim como acontece em todo o País, no Espírito Santo a percepção que se tem do setor não é bem essa. A maioria dos capixabas desconhece a relevância de seus portos, apesar da vocação natural do Estado para o comércio internacional, com seus 417 km de costa e sete instalações portuárias, entre públicas e privadas.

Possuímos o maior complexo portuário nacional com movimentação de 40,1 milhões de toneladas de cargas e participação no comércio brasileiro de 4,13% (dados de 2015). Mas, ao contrário de outros países, não temos uma cultura portuária. Na Grande Vitória, fora quem está diretamente envolvido com a atividade, é baixa a interação com os portos. Há pouca divulgação sobre o que acontece por “detrás das suas grades” e quando isso acontece, prevalecem as críticas em detrimento de seus muitos valores.

Até mesmo sobre o Porto de Vitória (instalações de Vitória, Capuaba, Paul, São Torquato e Flexibrás) paira grande desconhecimento. Alguns até sabem que, em 2015, foram movimentadas 6,2 milhões toneladas de cargas, mas poucos entendem o que isso representa e seus reflexos positivos. Outro agravante é o alto grau de fisiologismo, fruto de um modelo político ultrapassado, que interfere na gestão dos órgãos vinculados ao comércio exterior e colabora com a ineficiência na solução dos entraves e superação dos desafios.

Especificamente no nosso seg-

mento, o de operadores portuários – empresas qualificadas para operações de carga e descarga nos navios - temos desenvolvido esforços para ampliar a presença da atividade na pauta da sociedade.

Com essa proposta e a de manter uma articulação mais firme frente aos interesses do setor foi que fundamos a Associação dos Operadores Portuários do Espírito Santo, AOPES.

Em 2015, nossas empresas, notadamente as que operam em berços públicos administrados pela Codesa, foram responsáveis

por 49% das cargas movimentadas no Porto de Vitória e 64% das embarcações que frequentaram o porto, incluindo granito, grânéis sólidos, ferro gusa, cargas projeto, produtos siderúrgicos, veículos e muitos outros.

Mas, podemos oferecer muito mais, desde que mudanças ocor-

ram com maior velocidade, solucionando os problemas graves de infraestrutura, adequação da administração portuária, legislação, dentre outros gargalos que tanto prejudicam a nossa economia, especialmente em tempos de alta competitividade.

É vital que toda a sociedade organizada reveja seus objetivos e centralize seus esforços rumos à real modernização dos nossos portos, com políticas e regras transparentes, pautadas na meritocracia, para que possamos competir com portos mais avançados em termos de tecnologia e eficiência. Muitos capixabas podem até não ter se dado conta, mas esta pauta é prioridade. Nossos portos são nossa maior riqueza.

Nilo Martins de Cunha Filho é presidente da Associação dos Operadores Portuários do Espírito Santo (Aopes)



**Ao contrário
de outros
países, não
temos uma
cultura
portuária**